
Terra ameaçada por "lixreira" espacial

Por [Rita Oliveira - ljjc06016@icicom.up.pt](mailto:ljjc06016@icicom.up.pt)

Publicado: 13.05.2009 | 16:13 (GMT)

Marcadores: [Astronomia](#), [CAUP](#), [Espaco](#)

Mais de um milhão de fragmentos viajam a altas velocidades em torno do planeta. Investigador alerta para "lixreira" espacial, não só para a Terra, como para os equipamentos que orbitam à sua volta.

Apesar de grande parte da informação ainda ser confidencial, pensa-se que poderão existir cerca de um milhão de fragmentos em órbita de Terra, dos quais cerca de 50 mil saíram da órbita; todos os restantes permanecem lá. Destes, só cerca de 3500 são satélites, o resto é lixo", explica Carlos Martins, do Centro de Astrofísica da Universidade do Porto.

Segundo o investigador, os números são "preocupantes", uma vez que "apenas estão contabilizados os fragmentos com tamanho igual ou superior a 10 centímetros", como satélites, cápsulas de protecção, depósitos de combustível e outros objectos em órbita. Por isso, "é certo que haverá centenas de milhares ou mesmo milhões de outros objectos a orbitar a Terra", explica.

O *space junk* viaja a onze metros por segundo, em altitudes que variam entre as centenas e os milhares de metros. A velocidade de impacto a rondar os 36.000 km/h, estes detritos podem, em caso de colisão, ser fatais para os equipamentos que orbitam a Terra, resultando daí o aumento da "lixreira" espacial.

"A própria Estação Espacial Internacional já passou por vários alarmes em que precisou de mudar de órbita, para evitar a colisão com pequenos fragmentos", conta Carlos Martins.

Perigo para a Terra

A verdade é que o problema pode ser mais complicado do que pode parecer. Muitas vezes, os detritos em órbita são próprios satélites, o que representa um risco agravado para o planeta, caso estas peças voltem a entrar em órbita.

Nelma Silva, do Núcleo de Divulgação do CAUP, lembra que "a probabilidade de colisão espacial entre satélites é alta. Um exemplo recente foi a colisão entre dois satélites (um americano ainda operacional e um russo já abandonado) em Fevereiro, que "levou à queda de detritos numa região da Sibéria".

Normalmente, os satélites vão perdendo altitude à medida que orbitam a Terra e, quando "atingem um ponto crítico, começam a reentrar na atmosfera desintegrando-se". Mas, esta reentrada "pode levar centenas de anos, dependendo do tamanho do satélite se encontra", refere a responsável pela divulgação do CAUP.

A reentrada dos objectos na atmosfera terrestre pode ser controlada remotamente, a partir da Terra. E

satélite caia, por exemplo, no meio de um oceano. No entanto, Nelma Silva e Carlos Martins não têm satélites ficam no espaço e são, simplesmente, abandonados".

Certo é que muito está por saber sobre o "manto" de lixo que envolve a Terra. Muita informação relaciona porque "nem tudo o que está no espaço foi lançado com objectivos puramente científicos ou de comunicação".
JPN.

Ligar a esta notícia (trackback): <http://jpn.icicom.up.pt/trackback/4934>

ISSN 1646-3064